

Tradição e Modernidade nas Crônicas de Rachel de Queiroz¹

Prof. Dra. Regma Maria dos Santos²

Resumo:

Pretendemos, nesta comunicação de pesquisa, analisar as crônicas de Rachel de Queiroz Vendedor de ovos e Notícias procurando detectar nas mesmas, a dimensão que ocupa os elementos da modernidade na obra da referida escritora. A tradição e a modernidade enfrentam-se seguidamente nas crônicas publicadas pela autora. Na primeira crônica, o diálogo entre um delegado e um preso permite-nos perceber os valores e concepções do segundo, conforme uma visão preconceituosa contra os novos hábitos propiciados pelos meios de comunicação, em especial o conteúdo veiculado pelo rádio. O resultado desses conflitos explicita-se na violência cometida contra o personagem de apelido “Anjinho”. Na segunda crônica, mais uma vez apresenta-se a questão dos meios de comunicação (o rádio, o telefone e o jornal) e uma conversa na qual os diversos interlocutores interpretam e divulgam a notícia de uma morte.

Palavras-chave: Tradição, modernidade, crônicas, Rachel de Queiroz

Introdução

As crônicas selecionadas para esta análise fazem parte do livro *Mapinguari* que reúne crônicas de diversos livros de Rachel de Queiroz, dentre esses *O Brasileiro Perplexo*, *As menininhas*, *O jogador de sinuca*. A obra *Mapinguari*, além das suas peças de teatro *Lampião* e *A Beata Maria do Egito* foram publicadas conjuntamente no Vol.5 de sua Obra Reunida (1989) e é dela que nos valem nesse texto.

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza-CE em 1910. Viveu entre o Ceará, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, tendo atuado politicamente no PCB (Partido Comunista Brasileiro), foi presa diversas vezes. Com o Estado Novo seus livros junto aos de Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos são queimados, acusados de serem subversivos.

Com o assassinato de Trotsky por Stalin, a autora afasta-se da esquerda. Em 1964 apóia, como diversos intelectuais, o golpe de 1964, aparentemente tomando atitude contraditória à sua trajetória de esquerda, dando apoio à deposição de João Goulart, a quem acusava de continuísmo da política de Vargas. Foi a primeira mulher a ser eleita pela ABL em 1977. Rachel de Queiroz falece em novembro de 2003 aos 92 anos.

Nessa breve biografia podemos nos deparar com uma escritora profundamente ligada com as questões sociais de seu tempo e lugar. Não por acaso suas crônicas estão marcadas por personagens desviantes, que não pertencem ao centro, mas encontram-se à margem da sociedade.

Segundo Afrânio Coutinho a cronista apresenta características típicas do modernismo, sua principal temática, “dentro do pano de fundo dos problemas

¹ Artigo elaborado como parte do projeto de pesquisa *Jornalismo e Literatura: entre memória e história*. Apoio para apresentação na ABRALIC da FUNAPE – Fundação de Apoio a Pesquisa da UFG.

² Profa. Dra. Regma Maria dos Santos. UFG – Campus Catalão e colaboradora do Mestrado em Teoria Literária UFU.

geográficos e sociais nordestinos, é a posição da mulher na sociedade moderna, com seus preceitos morais e sociais”.(COUTINHO, 1986, p. 279)

Rachel de Queiroz apresenta, em suas crônicas, aspectos cotidianos de sua vivência pessoal, transitando dos sentimentos mais íntimos aos sentimentos coletivos, extensivos também à política. A temáticas de suas crônicas apresentam ainda questões relativas ao conflito entre a tradição e a modernidade, como poderemos observar na análise das crônicas que se seguem.

A crônica *Vendedor de Ovos* é escrita em forma de diálogo e assume uma característica próxima ao conto, apontando as possibilidades que a autora trata a relação entre o real e a ficção.

O texto inicia-se com a pergunta do Delegado ao Preso se isso é o que se faz com um homem. O preso, aproveitando a deixa, questiona o Delegado se aquilo é homem e apresenta-nos o perfil dos que conhece: “*Será que pega em enxada, veste roupa de couro, monta a cavalo? Vai ver, nunca soube tirar o leite de uma vaca, nunca soube o que é limpar uma carreira de mato...*”.(QUEIROZ, 1989, p.4)

Em contraposição a essas atividades que fortalecem o perfil de um homem de bem o preso passa a descrever as feitura da vítima: “Agora vive a desinquietar as famílias, comprando iludição para as mulheres (...) É trazer vidro de extrato, corte de estampado, lata de pó, até rede de fábrica!”(QUEIROZ, 1989, p.5)

O Delegado retrucou o preso dizendo que a vítima é negociante de ovos. E aí novamente o preso esboça os seus preconceitos afirmando que o mesmo aproveita-se da boa vontade das mulheres de sua própria casa nada sobrando para ele: “*Tudo é pro seu Anjinho! Até o nome dele, seu Delegado. Não quer se chamar nem José, nem Chico, nem Manoel, como qualquer homem.....*”.(QUEIROZ, 1989, p.5)

Continuando suas queixas o preso passa a criticar os hábitos do negociante: “*Agora deu para andar com um rádio, um radinho pequeninho, uma porqueira, canta fino como um danado, mas as mulheres acham a coisa mais linda...*”.(QUEIROZ, 1989, p.5) Não satisfeito o preso questiona ainda as músicas tocadas no rádio: “*No meu tempo aquelas cantigas de beijo, com licença da palavra, só se escutava em pensão de zona – mas agora o rádio ensina em qualquer casa de família.*”...(QUEIROZ, 1989, p.4)

Revela ainda ao Delegado que não é só a mulherada que só quer saber do Seu Anjinho “esgoelando” sambas cariocas, os meninos também são influenciados por ele e pelos jogos de futebol transmitidos pelo rádio. Além do rádio, o preso acusa Seu Anjinho de trazer o Livreto de Modinhas para ensinar as cantigas, que as próprias filhas do preso se põe a ler e a cantarolar.

Para o Preso falar em rádio é o mesmo que falar em Seu Anjinho, mas nesse momento interrompe o tom crítico para perguntar ao Delegado se ele está muito maltratado. A partir desse ponto começamos a compreender que Seu Anjinho levou uma surra que acabou por transfigurá-lo: “*A graça dele era aquele dente de ouro, mas isso ninguém arrancou. Pode ter amolengado, mas está lá, o beijo inchado é que não deixa ver direito. O cabelo, ora cabelo cresce(...)*”...(QUEIROZ, 1989, p.4)

Questionado sobre o braço quebrado o preso responde que Seu Anjinho é muito dengoso, e conta que o que quebrou foi a cesta com seiscentos ovos e faz um auto-elogio: “*O senhor já pensou que arraso nas capoeiras!*”.

O Delegado insiste na queixa do Seu Anjinho que pede indenização pelas fazendas extraviadas, e o preso responde que ninguém ficou com pano nenhum:

o que os meninos fizeram foi arrumar uma saia nele...com os panos mais florados. Vossa Senhoria me desculpe, mas todo mundo achava graça, e agora só de me lembrar, ainda me dá vontade de rir...Os

meninos tocando sanfona e obrigando Seu Anjinho a dançar, arrastando a saia. – Era ver uma cigana - ...”. (QUEIROZ, 1989, p.6)

Como podemos observar o personagem da conversa do Delegado com o Preso tratava-se de um comerciante, vítima de agressão. O Preso em suas justificativas demonstra sua revolta, insatisfação e incompreensão com os elementos modernos de uma sociedade que se industrializa. Reclama, para além do rádio, do vidro de extrato, da lata de pó, da rede de fábrica.

Escrita em 1963 a crônica aborda com humor as transformações pelas quais passava a sociedade com a introdução nos lares de aparelhos e novidades da indústria moderna. Na vida pessoal percebemos o questionamento sobre as mudanças nos valores morais e nos paradigmas sobre a sexualidade.

A sexualidade de Seu Anjinho é questionada por gostar de rádio, vender fazendas para moças, por ser negociante. Ao contrário do matuto que vive na roça e enfrenta as lides da roça montando a cavalo, limpando mato, tirando leite de vaca. Seu Anjinho é “massacrado” por perturbar a ordem do lugar, desinquietar as moças e as crianças, alterando e ampliando seus gostos e valores. Ele é o novo, o que veio de fora, por isso deve ser humilhado e banido.

Com essa crônica de Rachel de Queiroz compreendemos que não foi sem resistência que os meios de comunicação de massa foram introjetados na vida social. Aspectos ligados a moral e aos valores foram o enfoque para essa resistência. Nessa luta Seu Anjinho pode ter saído vencido, mas como disse o Preso: “*Mas o diabo é tão sem sentimento na cara que assim mesmo requebrava...*” (QUEIROZ, 1989, p.4)

Tratando do ritual do *charivari*, presente na Europa no século XVIII, que acompanha o casamento, Daniel Fabre considera que: “A maneira mais comum de divulgar e punir a infração do costume insere-se no centro dos rituais que constituem o próprio costume, os quais asseguram ao longo de um destino pessoal ou transição de um estado social a outro” (FABRE, 1991, p.543)

Esses rituais explicitam uma indignação sobre a qual a população está de acordo embora nem todos participem. Ligado à manutenção da moral pública, o ritual do *charivari* tem caráter punitivo desde o século XVIII. No século XIX ele atingira novas mutações e as censuras impostas a atos imorais, ao adultério, a relações amorosas proibidas acrescenta-se também a homossexualidade, ao incesto, ao concubinato, a poligamia e a sodomia.

A crônica expressa então um ritual que percorre séculos e transforma-se segundo o contexto e a situação social em que se localiza. Nesse sentido, o massacre sofrido por Seu Anjinho faz parte de uma tradição, ou de um ritual que se atualiza, mas apresenta quase os mesmos elementos de sua execução na Europa do século XVIII.

Outra crônica na qual a autora também trata dos meios de comunicação chama-se *Notícias*, também de 1963, e começa com a seguinte frase: “As coisas deste mundo”, que também poderia ser outro título, mas a princípio mostra-se enigmática. A crônica narra, em primeira pessoa, que a autora estava a ouvir o radioamador ouvindo as conversas quando alguém de Sobral procura por uma pessoa de São Luiz do Maranhão para dar notícia de uma morte.

Conforme a narradora parecia não haver ninguém de São Luiz na escuta, talvez alguém na Bahia, ou na França, mas não no Maranhão. Um colega de Fortaleza sugere que se use o telefone e chama um radioamador maranhense. A narradora descreve em tom grave: “*Foi um instante dramático. Só que o telefonava, com a porta aberta, não ouvia nada. Quando falam dois, ao mesmo tempo em rádio, estabelece-se um diálogo de surdos e ninguém escuta ninguém*”. (QUEIROZ, 1989, p.7)

Até que São Luiz entra na linha e o colega de Sobral pergunta se conhece alguém chamado Juvenal, pedindo a ele que comunique que sua irmã morreu afogada. O radioamador de São Luiz quer saber qual, já que Juvenal tem várias irmãs. O informante de Sobral manda apurar, enquanto Juvenal era chamado para ouvir pessoalmente a notícia. Alguém de Recife dizia para se dar a notícia com jeito.

O aparelho que faz a ligação do transmissor com o telefone se chama “maricota” e dali se ouviu a voz de Juvenal que ficou sabendo que a Mimosa havia falecido. A princípio, quando soube ser notícia de Sobral, Juvenal pô-se a gritar se teria acontecido uma desgraça com a sua mãe. Ao saber que sua irmã morrera afogada Juvenal calou-se e São Luiz sem saber o que dizer pôs-se a explicar a toda a roda de radiocomunicadores que ele estava em estado de choque e não podia falar.

A narradora comenta: *“Meu Deus, era horrível. A angústia daquele homem assistida eletronicamente por tanta gente, como se ele estivesse num anfiteatro, o peito aberto, o nervo exposto... Parecia até que se escutava a sua respiração curta”*. (QUEIROZ, 1989, p.9)

Depois da agonia ao acompanhar aquela notícia dada ao vivo a narradora encerra: *“Fechei o rádio. Depois o jornal deu: Chamava-se Francisca das Chagas, por apelido Mimosa. Tinha 16 anos.”*. (QUEIROZ, 1989, p.9)

A concisão, a secura e as informações frias do jornal parecem tirar o sentimento, a angústia que marcaram a experiência vivenciada pelo narrador de acompanhar a notícia dada ao vivo, com tantos impedimentos e ruídos de que a Mimosa havia falecido em Sobral.

Nessas duas crônicas podemos observar que os meios de comunicação de massas passam a fazer parte da vida das pessoas e a atuar como transmissores não só das novidades da moda, mas também dos acontecidos fugazes e dramáticos do dia-a-dia.

Na última crônica o radioamador é o meio quente pelo qual a notícia mesmo incompleta e fragmentada e acompanhada por sentimentos de angústia, solidariedade por quem acompanha, mesmo a longa distância, a tentativa de fazer circular a informação. No jornal, um meio frio, a notícia precisa, com as corretas informações, diz pouco sobre os sentimentos em torno daquele fato.

Conclusão

A obra de Rachel de Queiroz expõe as transformações ocorridas no século XX mostrando que a autora se interessa por temas variados do cotidiano, compreendendo que o tempo contemporâneo é breve e efêmero.

De acordo com Borelli (1996) o cronista revela também o instante, o atual, o presente, o que tem duração em curto espaço de tempo. A crônica é o próprio fato moderno. Seu consumo é imediato. Sua dimensão temporal é marcada por transitoriedades, instantaneidades.”(1996:72)

Ainda para Borelli, o cronista é também um narrador da História escrita, pois, com a modernidade, os velhos contadores de história são poucos:

O cronista moderno é o narrador da história escrita, o narrador na modernidade. Com a modernização das sociedades, diminui o espaço e a presença dos velhos contadores de histórias que no passado trocavam experiências vividas com seus ouvintes. (BORELLI, 1996: 63).

O cronista pode ser considerado também um historiador, segundo Borelli, pois, ele interpreta, apresenta e recria, com sua imaginação, algum fato ou acontecimento. Ao

escrever uma crônica, o cronista está “lembrando” de algo. “*O ato de escrever crônicas é, concomitantemente, um ato de lembrar. Faz-se de novo do cronista historiador e do historiador cronista. São lembranças pessoais e familiares, resultantes da articulação entre memória coletiva e memória individual*”. (BORELLI, 1996:69).

Nesse sentido, podemos entender que a crônica alia o tempo passado ao presente, permitindo-nos refletir sobre as temáticas ali construídas. Compreendemos então, que as crônicas de Rachel de Queiroz, tornam possível perceber que as transformações ocorridas em meados do século XX no Brasil com a difusão dos meios de comunicação provocaram resistência, alteraram as relações cotidianas, causaram rupturas e ampliaram o alcance e a divulgação das notícias.

Por mais que se trate do que é efêmero e passageiro, as crônicas expressam múltiplas temporalidades que revelam paradoxalmente uma certeza do fim, e também, um desejo de querer durar, que se fixa não apenas nas ‘profecias’ ou ‘expectativas do devir’, mas também num diálogo com a memória e a história”. (SANTOS, 2005: 106)

Referências Bibliográficas:

BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção*. Literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo. EDUC. Estação liberdade. 1996.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Vol.6. 3ed. Rio de Janeiro: José Olympio. Niterói. UFF – Universidade Federal Fluminense, 1986.

FABRE, Daniel. Famílias. O privado contra o costume. In: CHARTIER, Roger(org.). *História da Vida Privada: da Renascença ao século das luzes*. Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 543-579.

QUEIROZ, Rachel de. *Obra Reunida*. Vol.5. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

SANTOS, Regma Maria dos Santos. *Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycídio Paes*. Uberlândia: Aspectus/FUNAPE, 2005.